

O postulado de Deus na ciência cartesiana: uma aproximação entre Descartes e Tomás de Aquino

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa¹
Ednaldo Isidoro da Silva²

Resumo

Em *Le Monde ou Traité de la Lumière*, Descartes apresenta a sua teoria geral da natureza como ato da criação divina pelas leis matemáticas, falando que o movimento, causa de todas as mudanças que ocorrem no mundo, se deu a partir de um primeiro motor: Deus. Assim, a fundamentação da ciência cartesiana é o proponente religioso, cujo elemento imprescindível é a *res infinita*, que cria a *res extensa* e a *res cogitans*. Por isso, a sua máxima “*Je pense donc je suis*” provém das seguintes conclusões: a ciência apenas é verdadeira e certa porque Deus é e porque Deus existe: eis por que a idéia do Mundo não é uma fábula.

Palavras-chave: 1. René Descartes; 2. Tomás de Aquino; 3. Cosmologia; 4. Deus; 5. Criação.

Abstract

In his “*Le Monde ou Traité de la Lumière*”, i. e. World or Discourse about Light, Descartes displays his general theory concerning Nature, as divine creation through mathematical laws, asserting that movement, all the changes that take place in world, do happen, departing from Prime Motor: God. In this way, cartesian science foundation is a religious proponent which the essential element in is *res infinita* that creates *res extensa* and *res Cogitans*.

Therefore, his – Descartes’ – maxim “*Je pense donc Je suis* – so to say I think therefore I am – arises from the following conclusions: Science by itself, is only true and errorless, right, because God IS and on account of God’s being. This is why the idea the idea concerning world is not a fable, a myth.

Key words: René Descartes, Thomas of Aquinas, Cosmology, God, Creation

1 Criação evolutiva na física cartesiana

Ingenuamente, alguns estudantes de Introdução à Filosofia falam de Descartes como um pensador ateu, quando se restringem à declaração fundamentalista do “penso, logo, existo” sem ter conhecimento do encadeamento lógico do seu pensamento, assim como é costume, no senso comum, fazer-se uma associação entre filosofia e ateísmo ou, num sentido inverso, estabelecer uma incompatibilidade entre Filosofia

e Teologia, Ciência e Religião e Fé e Razão. Por isso, dissipando essas ingenuidades, o presente artigo quer revelar que a obra cartesiana traz o conceito de natureza misturado aos conceitos de Deus e de Homem. Pois, ao buscar as idéias claras e distintas, ele deseja captar as verdades eternas do Ser, que implica o projeto de pensar Deus, a Natureza e o Homem.

Além disso, aprendemos, na Academia, que René Descartes é o criador do conhecimento fragmentado. Mas como pode ser inferido, de forma geral, tal pensamento, se o Filósofo visava a abarcar tudo o que a *res cogitans* pudesse intuir e chegar às idéias claras e distintas a partir da percepção das verdades eternas na *res extensa*? É certo que a única substância privada, não extensa e indivisível, é o pensamento, e, se este incide sobre a matéria, que é pública, extensa e divisível, ele pode fragmentar, analisar, enumerar e sintetizar toda sorte de corpo a fim de ter a compreensão de sua natureza. Esse método analítico usado por Descartes fora herdado dos filósofos geômetras gregos e visa, preferencialmente, a ser o caminho perfeito para a pesquisa científica – a sua física filosófico-teológico-experimental demonstra ser o elemento fundamental do seu sistema. Por isso, a resposta à pergunta consiste na existência da *res infinita*. Pois o Deus cartesiano é o postulado para a unificação do saber humano.

Essa aceção faz eco filosófico-teológica na *Suma Teológica* de Santo Tomás diz: “nada impede que existam alguns entes não criados por Deus... [*diretamente. Mas*], é preciso afirmar que tudo que, de qualquer modo, exista é feito por Deus. Se algo se encontra em outro por participação, é necessário que seja causado nele por aquele ao qual convém essencialmente”⁷³. Pois, particularmente no que tange à cosmologia - diz a nota desta citação - os teólogos não podem “apelar à ação de Deus para explicar o mundo e a vida segundo sua luz própria. Seria fazer ciência de má qualidade propor uma explicação por meio da ação de Deus”. Eis por que a Ciência moderna se desenvolve sem considerar ativamente tal ação. Pois, como afirma Descartes, seria contradizer o próprio ato criacional divino:

Car de cela seul, qu’il continue ainsi de la conserver,
il suit, de nécessité, qu’il doit y avoir plusieurs

changemens en ses parties, lesquels ne pouvant, ce me semble, estre proprement attribuez à l'action de Dieu, parce qu'elle ne change point, je les attribue à la Nature ; & les regles suivant lesquelles se font ces changemens, je les nomme les Loix de la Nature⁴.

Desse modo, Deus não interfere no Mundo diretamente, mas sua ação já fora estabelecida desde a criação, o que implica dizer que ele age na Natureza pelas leis da matéria que lhe impôs.

E como, para falar segundo Merleau-Ponty, o ser sintetiza e compacta-se em Deus, ele é o SER no sentido universal e positivo da palavra. Assim, dizer que Deus é o ser é dizer que só Deus existe. E o mundo físico? Responde-se cartesianamente: é preciso também que o universo exista e que seja de um modo diferente do existir divino.

Esse papel importante do filósofo da Modernidade é equiparado aos méritos de Santo Tomás de Aquino, religioso dominicano que sincronizou o sistema aristotélico à doutrina cristã, dando à Igreja, na Escolástica, uma Teologia com base na revelação e uma Filosofia que se expressava segundo a razão humana, atestando a fusão entre Fé e Razão.

A partir da demonstração da existência de Deus e do mundo físico, na 5ª e na 6ª Meditação, Descartes atesta a relação entre as substâncias *res infinita* e *res cogitans*, demonstrando, também, por assim dizer, que a mescla entre Fé e Razão feita por Tomás de Aquino é intrínseca à sua Filosofia. Do mesmo modo, para que o homem chegue ao conhecimento de Deus, segundo Santo Tomás, é preciso partir do Todo do mundo, que é a primeira verdade, em direção a Deus pelos efeitos:

[...] se a existência de Deus não é evidente para nós, pode ser demonstrada pelos efeitos por nós concebidos [...]. Assim, partindo das obras de Deus, pode-se demonstrar sua existência, ainda que por elas não possamos conhecê-lo perfeitamente quanto à sua essência⁵.

Essa relação revela que Deus não engana e, porque imprime na natureza às verdades eternas, as coisas que percebemos clara e distintamente são verdadeiras. Diante disso, sendo a razão criada por Deus, ela também não pode nos levar ao falso. Assim, a Ciência apenas é verdadeira e certa porque Deus é. Aqui se manifesta, claramente, a união da Teologia, da Filosofia e das Ciências. Logo, sendo Deus aquele que integra o saber, a cosmologia cartesiana é uma cosmologia teológica, na qual a primeira e imprescindível premissa é a *res infinita*, que cria a *res extensa*, sustentáculo da nossa natureza corpórea. Por isso, para que pudesse chegar à certeza do “cogito” e antes de postular “*Je pense donc je suis*” (eu penso logo eu existo), ele tivera que formular o seguinte raciocínio: Deus existe; o mundo físico existe. Logo, porque Deus existe é que a idéia do Mundo não é ficção⁶. Entretanto, contrariando essa conclusão, a obra *Le Monde*, de Descartes, e, conseqüentemente, toda a sua física, baseiam-se em “princípios falsos e hipóteses apenas prováveis”⁷ – como atestara a física newtoniana.

Partindo de teses semelhantes, para provar a existência de Deus nas cinco vias, o *Doctor Angelicus* diz que os argumentos de Santo Anselmo são inválidos, pois eles falam sobre a existência necessária de Deus sob hipóteses condicionais, isto é, Deus é necessário, se existe. Logo, nada prova. E postulando que “[...] se deve dizer que está impresso naturalmente em nós algum conhecimento geral e confuso da existência de Deus [...]. Mas não consiste, em absoluto, o conhecimento da existência de Deus”⁸, Santo Tomás afirma a sua existência porque o reconhece na verdade natural contida no pensamento, como fala Descartes no artigo sétimo da *5ª Meditação*: Deus existe porque “é certo que encontro em mim a sua idéia, isto é, a idéia de um ente sumamente perfeito”⁹:

E, assim, vejo plenamente que a certeza e a verdade de toda ciência dependem unicamente do conhecimento do verdadeiro Deus, de tal maneira que, antes de O conhecer, não pude saber perfeitamente nada sobre nenhuma outra coisa¹⁰.

E porque a *res extensa* não participa dessa relação? Porque ela nada sabe sobre si mesma e, apesar de estar fora, ela é a segunda

realidade a ser investigada uma vez que é nela que subsiste o “cogito”. Assim, como dissemos, por revelar a verdade, a natureza manifesta a potência e a bondade divina – ainda que as mentes mais rudes não possam captá-la e compreendê-la¹¹. Portanto, como Deus não pode enganar ninguém, a natureza também não pode ser enganadora:

E, seguramente, não há dúvida de que todas as coisas que a natureza me ensina têm algo de verdade. Por natureza, genericamente considerada, nada mais entendo, neste momento, que Deus ele mesmo, ou a coordenação por ele instituída de todas as coisas criadas¹².

Na supracitada citação, entendida não como Deus em absoluto, a natureza, para Descartes, é uma portadora das verdades eternas. Assim, ela está em participação com Deus. E, à medida que compreendemos e visualizamos as idéias claras e distintas, reconhecemos a ação e a bondade divina presentes nela. Entretanto, o mundo físico não é facilmente percebido em idéias claras e distintas. Por isso, a dedução não é imediata. É mediada pelo “Método”. Por ele, a filosofia cartesiana mostra o mundo tal como ele é fisicamente e o revela à *res cogitans* pela extensão, propriedade da matéria, e pela apreensão intelectual, faculdade do pensamento.

Nisto consiste toda a Filosofia de René Descartes: Deus é o elo e a base das duas certezas – a *res cogitans* e a *res extensa*. A *res infinita* é a substância que não é a partir de nenhuma outra, da qual todas as coisas nasceram e dependem.

E, como sabemos, mesmo sendo portador de uma fé sólida, ele recusara publicar seu Tratado para viver em paz com a Igreja. Entretanto, sua teoria chegou até nós mostrando quão lógico e verossímil era sua ciência. E a fez como uma fábula para dizer que Deus “*peut créer toutes les choses que nous pouvons imaginer*”¹³.

Eis por que Descartes não fala na existência de vários mundos, mas de um único – dizendo, entretanto, que nem por isso podemos limitar o poder de Deus de criar outros mundos – como postula Santo Tomás: “[...] deve-se dizer que este é o argumento pelo qual o mundo é uno, porque todas as coisas devem ser ordenadas a um fim

único conforme uma ordem única”¹⁴. Tal argumento é o da unidade do governo divino na unidade da ordem existente nas coisas.

No Capítulo VI, da obra *Le Monde ou le Traité de la Lumière*, por exemplo, Descartes descreve o seu Novo Mundo, falando das qualidades da Matéria do qual ele é composto a partir desta suposição: “[...] *Dieu crée de nouveau tout autour de nos tant de matieère que, de quel que côté que notre imagination se puisse étendre, elle n’y aperçoive plus aucun lieu qui soit vide*”¹⁵ e esta “matéria que Deus terá criado se estende muito mais longe para além de todos os lados até uma distância indefinida. Pois, há muito mais de aparência e nós temos muito melhor o poder de prescrever os limites para a ação do nosso pensamento que as obras de Deus”¹⁶.

Assim, Deus dividiu a matéria em várias partes e em dimensões distintas, de modo que não há vazio, a fim de que elas tenham uma diversidade de movimento desde o momento da criação e, segundo o filósofo, sua ação é contínua à medida que o Universo evolui ao seguir o movimento das leis ordinárias da Natureza. Essas leis, por acompanhar o seu curso, atestam a boa ordem das coisas e revelam “um Mundo muito perfeito” tal como fora criado.

Já no capítulo VII da supracitada obra, encontramos as Leis da Natureza desse Novo Mundo, que são:

Primeira Regra: a Natureza é entendida como matéria criada por Deus, que continua a conservar-se do mesmo modo como ele a fez. E já que as mudanças do mundo não foram realizadas pela ação de Deus, porque ele é imutável, Descartes as atribui à ação da Natureza, que tem a autonomia física. Neste argumento, vemos razão para dizer que Descartes postula a noção de criação contínua, onde Deus cria o Mundo a cada instante pelas regras e leis que lhes são inerentes¹⁷:

Logo, desde que elas começaram a se mover, elas começaram também a mudar e diversificar seus movimentos para o encontro uma da outra: e assim que, se Deus as conserva logo depois no mesmo modo que ele as criou, ele não as conserva no mesmo estado: isto é, que Deus agindo sempre do mesmo modo, e por consequência produzindo sempre o mesmo efeito

em substancia, ele encontra, como por acidente, várias diversidades em consequência disso. E é fácil de crer que Deus que, como cada um deve saber, é imutável, age sempre do mesmo modo¹⁸.

Segunda Regra: o movimento de um corpo é dado por outro: “*cette regle, joite avec la precedente, je raporte fort bien à toutes les experiences, dans lesquelles nous voyons qu’un corps commence ou cesse de se mouvoir, parce qu’il est poussé ou arrêté par quelque autre*”¹⁹.

Essas “duas regras”, somadas ao pensamento do Aquinate, revelam o fundamento do seu movimento: Deus imutável. Ele, por ser igual a si mesmo no existir (em Deus ser e existir são a mesma coisa) e proceder da mesma maneira, a sua ação implica os mesmos efeitos. Essa mesma concepção, herança aristotélica, é encontrada nos argumentos tomistas, quando diz que “[...] o motor primeiro sempre se encontrou do mesmo modo. Não, porém, o primeiro movido, porque começou a ser, uma vez que antes não era. Ora, isso não aconteceu por mudança, mas por criação, que não é mudança”²⁰.

Assim, ao supormos que ele coloca uma dada quantidade de movimento na *res extensa*, desde o ato de sua criação, conclui-se, pela necessidade, que ele conserva esse movimento na mesma proporção, desde sempre, em seus desígnios – com isso dizemos também que até as possíveis mudanças já estão contidas em sua ação. Pois Deus não pode interferir no curso ordinário da natureza, visto que, se o fizesse, estaria justificando que a sua criação fora imperfeita, necessitando a todo instante de ajustes e interferências.

Por isso, em toda matéria existente e em cada uma de suas partes, a perfeição da criação divina atua continuamente pelas leis naturais que lhes são inatas – donde concluímos que Deus criou apenas um único movimento. Os outros tipos, portanto, foram produzidos a partir do instante em que as diversas partes da matéria começaram a mover-se e a chocarem-se umas nas outras, comunicando, pelas propriedades da força e da velocidade, movimentos diversos (bem como a força de proporcionar o repouso). Tais considerações cartesianas, só é possível concebê-las, aceitando-se a imutabilidade de Deus: sen-

do o mesmo, ele faz sempre a mesma coisa, dando-lhe, ao mesmo tempo, a faculdade de continuar a sua ação.

Esta “regra”

depende apenas disso que Deus conserva cada coisa através de uma ação contínua e por conseqüência que ele não a conserva tal como ela poderia ter sido algum tempo anteriormente, mas precisamente tal como ela é ao mesmo instante que ele a conserva. Ora, é isso que, de todos os movimentos, há apenas o reto que seja inteiramente simples e do qual toda a natureza esteja contida num instante... [E] pelo contrário, para conceber o movimento circular, ou algum outro movimento que possa existir, é necessário ao menos considerar dois dos seus instantes, ou antes, duas das suas partes, e a relação que está entre elas²¹.

Então, seguindo esta “Regra”,

é necessário dizer que somente Deus é o autor de todos os movimentos que existem no Mundo, do modo como eles existem, e da qualidade de eles serem retilíneos, entretanto estes movimentos têm as diversas disposições da matéria que os tornam irregulares e curvos²².

Considerações finais

Dada essas argumentações, vimos que, na cosmologia cartesiana, especialmente na obra *Le Monde ou Le Traité de la Lumière*, Descartes revela a sua teoria geral da natureza como ato da criação divina por leis matemáticas, falando dos movimentos como causa de todas as mudanças que ocorrem no mundo a partir de um primeiro motor, Deus. Esse primeiro motor²³, que gira “ao redor do Mundo com uma velocidade incompreensível, é a origem e a fonte de todo os outros movimentos que se encontram no Mundo... Ora, em conseqüência dessa consideração, há meio de explicar a causa de to-

das as mudanças que acontecem nele, e de todas as variedades que aparecem sobre a Terra”²⁴. Pois todas as partes do universo “começaram a se mover logo que o Mundo foi criado. E, sendo assim,... é impossível que seus movimentos nunca cessem, nem mesmo que eles mudem outra causa que o seu objetivo. Quero dizer que a virtude ou a potência de se mover a si mesmo, que se encontra num corpo, pode, de fato, ser traspassada toda ou parte num outro corpo e assim não estar mais no primeiro, mas que ela não pode mais estar completamente do Mundo²⁵” (*Le Monde*, cap. V)²⁶.

Assim, percebe-se que, para a fundamentação da ciência cartesiana, o pressuposto é Religioso: a sua crença no Bom Deus. Por isso, o primeiro passo da sua Filosofia é provar a existência de Deus e provar a existência do mundo. Ele, portanto, é o Deus-Razão, o Deus fundamento da Ciência e da objetividade, da filosofia e da Sabedoria, que não permite erro no pensamento humano (possível apenas pela existência do Gênio Maligno). Dessa forma, as idéias claras e distintas correspondem à realidade e, com isso, vemos que o Filósofo é mais um propagador da Teologia Natural, a qual denominamos: a “Criação Evolutiva na Física Cartesiana”, pois o mesmo supõe que “Deus nunca fará nenhum milagre neste Novo Mundo e que as inteligências, ou as almas racionais, que nós aqui poderemos supor em seguida, de nenhum modo intervirão no curso ordinário da Natureza dele”²⁷. Pois, denominando-se milagre tudo aquilo que não pertence às Leis da Natureza, essa ação divina significaria o reconhecimento da imperfeição da Criação. Assim, nem Deus nem os homem, no que tange a sua constituição e curso próprio, pode intervir diretamente no Mundo por ações físicas.

Notas

- ¹ Professor do Mestrado em Ciência da Religião – UNICAP – Recife – PE - Brasil, Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Antiga e Medieval – GEPFAM/UNICAP/CNPq, atual Presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia Medieval - SBFM
- ² Graduando em Filosofia pela UNICAP, Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Antiga e Medieval – GEPFAM/UNICAP/CNPq.
- ³ AQUINO, Tomás de. **Suma teológica** - q. 44, a. 1, obj. 1 e rep. São Paulo:

- Loyola, 2002. vol. II, p. 38.
- ⁴ DESCARTES, René. **Le monde**: description du corps humain, passions de l'ame, anatomica, varia. Publiées par Charles ADAM & Paul TANNERY. Paris: Vrin, 1996. vol. XI, p. 37.
- ⁵ AQUINO, Tomás de. **Suma teológica** - q. 2, a. 2. rep. . São Paulo: Loyola, 2001. vol. I, p. 164-165.
- ⁶ Descartes apresenta a sua cosmologia como uma fábula não por ser esta uma mentira, mas como um artifício literário, tal como fez Platão no *Timeu*, onde a exposição estava calcada no provável e na verossimelhança (cf. DESCARTES, René. *Le monde ou le traité de la lumière* In: **Oeuvres philosophiques de Descartes**. (1643-1650). Édition de Ferdinand Alquié. Paris: Classiques Garnier, 1997. tome I. p. 343).
- ⁷ LOPARIC, Zeljko. **Descartes heurístico**. Campinas: UNICAMP, IFCH, 1997. p. 11.
- ⁸ AQUINO, Tomás de. **Suma teológica** - q. 2, a. 1, rep. São Paulo: Loyola, 2001. vol. I, p. 163.
- ⁹ DESCARTES, René. **Meditações sobre filosofia primeira**. Trad. de Fausto Castilho. – Ed. Bilingüe em latim e português – Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p. 65.
- ¹⁰ *Ibid.*, 5^o Med., art. 16, p. 149.
- ¹¹ Cf. *Ibid.*, 6^a Med. art. 36, p. 187.
- ¹² *Ibid.*, 6^a Med. art. 22, p. 173.
- ¹³ DESCARTES, René. **Le monde**: description du corps humain, passions de l'ame, anatomica, varia. Publiées par Charles ADAM & Paul TANNERY. Paris: Vrin, 1996. vol. XI, p. 36. Nesta afirmação, onde se diz em português “ele pode criar todas as coisas que nós podemos imaginar”, Descartes nos quer dizer que Deus tem o poder de criar tudo que é possível pensar e realizar-se logicamente. Assim, imaginar significa conjecturar como possível.
- ¹⁴ AQUINO, Tomás de. **Suma teológica** - q. 47, a. 3, rep. São Paulo: Loyola, 2001. vol. II, p. 83.
- ¹⁵ DESCARTES, René. *Le monde ou le traité de la lumière* In: **Oeuvres philosophiques de Descartes**. (1643-1650). Édition de Ferdinand Alquié. Paris: Classiques Garnier, 1997. tome I. p. 344).
- ¹⁶ Eis o original: [...] *la matière que Dieu aura créée s'étend bien loin au delà de tous côtes, jusques à une distance indéfinie. Car il y a bien plus d'apparence et nous avos bien mieux le pouvoir de prescrire des bornes à l'action de notre pensée, que non pas aux oeuvres de Dieu. (Ibid.)*.
- ¹⁷ Ver o conteúdo da nota 4.
- ¹⁸ DESCARTES, René. *Le monde ou le traité de la lumière* In: **Oeuvres philosophiques de Descartes**. (1643-1650). Édition de Ferdinand Alquié. Paris: Classiques Garnier, 1997. tome I. p. 351
- ¹⁹ DESCARTES, René. **Le monde**: description du corps humain, passions de l'ame, anatomica, varia. Publiées par Charles ADAM & Paul TANNERY.

- Paris: Vrin, 1996. p. vol. XI, 41.
- ²⁰ AQUINO, Tomás de. **Suma teológica** - q. 46, a. 1, rep. São Paulo: Loyola, 2001. vol. II, p. 68.
- ²¹ DESCARTES, René. Le monde ou le traité de la lumière *In: Oeuvres philosophiques de Descartes*. (1643-1650). Édition de Ferdinand Alquié. Paris: Classiques Garnier, 1997. tome I. p. 359.
- ²² *Ibid.*, p. 361. Postulando a eterna potência divina sobre toda a Criação, Descartes nos diz qual é o lugar de Deus em seu mundo. Entretanto, por ser a criação um ato da vontade gratuita de Deus e não por ter sentido necessidade de criá-lo, o filósofo nos revela a independência que o mundo tem para existir enquanto tal seguindo as regras físicas que lhes são próprias.
- ²³ Compreender a física cartesiana é ter a idéia clara e distinta das noções físicas de S. Tomas e Aristóteles e Platão. Estes postulam a existência de um motor imóvel transcendente à realidade, donde lhe provêm a origem e a força. Porém, em Descartes, este móvel não estar a par da realidade e sim é transcendente nela e deve-se continuar a pesquisa para compreender como este é a origem e a fonte de todos os movimentos do Mundo. Ao estar numa quantidade de movimento constante, o movimento que ele transmitiu aos outros corpos não lhe pertence mais..
- ²⁴ Cf. DESCARTES, René. Le monde ou le traité de la lumière *In: Oeuvres philosophiques de Descartes*. (1643-1650). Édition de Ferdinand Alquié. Paris: Classiques Garnier, 1997. tome I. p. cap. III, p. 325.
- ²⁵ Já que o filósofo põe aqui outra categoria do movimento, aquele que se assemelha ao que Aristóteles se referia à geração e corrupção, pois tendo um corpo a capacidade de mover-se a si mesmo e, a partir disso, tocando um outro o move também gerando nele um outro movimento, isto lhe corrompe as forças impulsionantes e desgasta-lhe, gerando assim o repouso.
- ²⁶ Cf. DESCARTES, René. Le monde ou le traité de la lumière *In: Oeuvres philosophiques de Descartes*. (1643-1650). Édition de Ferdinand Alquié. Paris: Classiques Garnier, 1997. tome I. p. cap. VI.
- ²⁷ *Ibid.*, p. 364.

Referências

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica: Teologia – Deus – Trindade**. Parte I – Questões 1 – 43. São Paulo: Loyola, 2001. . vol. I.

_____. : A Criação – O Anjo – O Homem. II. Parte I – Questões 44 -119. São Paulo: Loyola, 2002. vol. II.

DESCARTES, René. Le monde ou le traité de la lumière *In: Oeuvres philosophiques de Descartes*. (1643-1650). Édition de

Ferdinand Alquié. Paris: Classiques Garnier, 1997.

_____. **Le monde:** description du corps humain, passions de l'ame, anatomica, varia. v. XI, Publiées par Charles ADAM & Paul TANNERY. Paris: Vrin, 1996. vol. XI.

_____. **Meditações sobre Filosofia Primeira.** Trad. de Fausto Castilho. – Ed. Bilíngüe em latim e português – Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004. (Coleção Multilíngües de Filosofia Unicamp – Série A – Cartesiana I).

LOPARIC. Zeljko. **Descartes heurístico.** Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997. 177 p. – (Coleção Trajetória, n. 5)

Endereços para contato:

Marcos Roberto Nunes Costa

e-mail: marcosc@unicap.br

Edinaldo Isidoro da Silva

e-mail: ednaldoisidoro@hotmail.com